Feijoada à meia-noite

Rodrigues da Silveira

Feijoada à meia-noite

1ª edição

Ibiúna – 2024

© copyright 2024
Rodrigues da Silveira

capa
Luiz Rosa

fotos da capa e contracapa
Luiz Rosa

diagramação e revisão
Rosa Barroco

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Silveira, Rodrigues da
Feijoada à meia-noite / Rodrigues da Silveira. -- 1. ed. -- Ibiúna, SP : Ed. do Autor, 2024.

ISBN 978-65-01-07639-3

1. Crônicas brasileiras I. Título.

24-214604 CDD-B869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Crônicas : Literatura brasileira B869.8

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

Nota

As crônicas reunidas neste livro foram primeiro publicadas no blogue **Poetas são os outros**, que pode ser acessado em:

outrospoetas.blogspot.com

Assim como a esperança sem pensar crítico é mera ingenuidade,
o pensar crítico sem esperança acaba desembocando em cinismo.

Dorrit Harazim

As brisas do Ano-Bom

Como tanta gente que aproveita a Virada para listar as coisas boas que deseja realizar no ano que está começando, paro um pouco e, pra não azedar o humor dessa gente prenha de boas intenções, rememoro a parte boa do que fiz à zero hora do Ano-Novo.

Enquanto outros celebravam com taças de champanhe, eu dormia no escuro. Como certas práticas são mais fortes do que as minhas ambições, deitei-me assim que o sono tornou patente que o melhor que eu podia fazer era voltar à TV quando estivesse menos babão.

Não vou polemizar, pois tenho certeza de que a queima de fogos da passagem foi tocante àquelas pessoas que pularam sete ondas, vestiram-se nas cores que expressavam os votos para o ano vindouro ou, simplesmente, bebemoraram pra dedéu.

Dormindo sem sonhar que despertaria de ressaca, precisamente à meia-noite, fui agraciado com uma explosão de luzes, sons e cheiro de pólvora. Pois bem, me virei de lado, cobri a cabeça com o lençol e puxei o ronco de sempre.

Senhoras e senhores, a vocês que beberam, cantaram, dançaram, a vocês que nem souberam que não bebi, não cantei e não dancei no réveillon, embora nem imaginem que também passei bem pela meia-noite, desejo que o futuro Ano-Bom seja ótimo, haja fartura de comes, tenha muitos tim-tins, que o borogodó corra solto no forrobodó.

Para que sejam boas as festas de fim de ano, sento e reflito no que posso dizer. São sete as coisas que preciso fazer ou os próximos doze meses resultarão em travessia de costelinhas mal digeridas.

— Em janeiro, tive férias tropicais num chalé quase suíço, todavia, depois de quatro horas grudando na garganta o pó da terra batida, eu aprendi que não tenho de trabalhar pra pagar boletos, decidi que farei dívidas pra forçar-me a saldá-las.

— Embebido dos soluços da alegria, beberei café de gole em gole, nunca de golada em golada, uma vez que copo de vidro não tem que virar cacos só porque me submeto à cautela, tendo-a já perdida.

— Apesar do frisson de safar-me das mais simples tarefas, a quem me enalteça pelos méritos que não valorizo, direi que a fortuna é vera pois a graça, ainda que demore outro dia, há de alcançar quem pode e deve ralar, e sopra que tem de ralar pra caraca.

— Na pescaria, minha calma canse a carpa ou o marlim. À mercê das águas, resistirei ao tédio, seja à margem do córrego a que chegar numa pernada, seja a bombordo do barquinho no marzão sem sequer gaivotas nem pelicanos.

— No boteco às três da tarde, saborearei meu bauru sem nausear-me com a política verde-oliva de gente que se anuncia contra aborto, transferência de renda, carro elétrico, até contra o vento.

— Sem recear que caiam na cabeça um abacate ou outro, apesar das saúvas incansáveis, seguirei sossegado, lendo Rubem Braga.

— Os fatos me revelarão um quê satisfeito, outro tanto ressabiado, e, a depender do mormaço, bastante arejado dos porquês.

Ibiúna, dia 02 de janeiro de 2024.

O amor está no ar

O cão antecipa-se ao cronista, que se vê instigado a interromper a leitura das notícias pra embalar-se noutra doidice tão natural.

Desta feita, é crível dar-lhe razão, pois aquela cadelinha passou junto ao muro, requebrou-se beco adentro, pôs-se a nadar no córrego que corre nos fundos do quintal.

É razoável esgueirar-se pela grade, tentar repetidamente superar o muro e atirar-se à água, não para extrovertê-lo, para saciar-se nele, no fogo que tanto late no espírito.

De fato, é-me compreensível tal loucura, pois não conheço pessoa que fique indiferente a um cheirinho bom.

Felizmente, nunca fui de resistir a salsichas.

De guri, vindo da escola, mal cruzado o portão, não havia mundo, só a panela. Porém, tinha que ter pão. E o miolo precisava ser tirado, pois imprescindível era exagerar no molho, naqueles anéis de cebola.

Sempre sou de comê-las, refocilar-me no molho, devorar só mais uma, só mais outra, que me baste só mais uma outra.

Sempre me asseguro que vou pelo mundo a bater-me pelos pães, que preciso ir pelos pães, não me faltem pãezinhos porque tranças, vinas e tomates não hão de acabar nunca.

Ao cão pouco se lhe dá que me norteie alegre ou triste, porque ele não carece de alimentar sua alma, tanto pelo que me fortaleça quanto pelo que me faça jururu.

Azar o meu que só sei latir por imitação.

E o cão entende que não precisa observar-me galante. Ele não é gato nem é coruja. A espreitá-lo todo animado com a cadela cheirosa, eu é que fico elegante na minha curiosidade sutil.

O cronista nota que o cão não o ignora, mas o bicho não se coça por mim, que estou melindrado, meio borocoxô.

Coisas boas são as águas do riachinho, os passarinhos que piam e os miquinhos saltando nas copas.

Coisa boa é aprender que o cãozinho e a cadelinha não ligam que pessoas fiquem olhando-os fornicar, aprendo na prática.

Eles copulam, ganem, e vão pra lá e vêm pra cá, até o desengate. Quando há, eles se lambem, tão desenvoltos.

Eu assobio para que volte, todavia o cão vai atrás da cadela. Não irei atrás do meu cachorro, porque seria ridículo. Eu, em vão, chamo-o pelo nome, porque a cadelinha exala o que seria estúpido eu querer ter em mim, aquele apelo inconfundível.

Poderia dizer que lhe daria tirinhas de alcatra, que ele tanto gosta. Para que saiba que não estou blefando, poderia ir buscar as tirinhas de alcatra. Para me convencer que comer carne é prazer equiparável a copular, berro que tenho já os cubinhos de acém.

Se a cadela e o cão estão embriagados, que valha o pensamento: uma brincadeirinha improvisada suplanta cerimônia cronometrada.

O meu cão chama-se Rex. Sem fru-frus, o sabujo não faz truques por cortesia, só os faz por lhana picardia.

Não temo que terá fugido, mas, meu rei, juro-lhe que eu arrumarei uma dálmata tal qual a que nos tira do sério.

Ibiúna, dia 04 de janeiro de 2024.

Um momento difícil

Feito outro qualquer objeto, menos pelo emprego a que o engenho humano destinara no seu fabrico, cai no abajur que seja outro detalhe a poupar os olhos das feiuras do mundo. Pois sala de estar é o canto do mundo pra estar-se sem os entorpecimentos por monocromia, pô-lo junto da janela saturará em grená o olhar. Já que o verde-musgo dos encostos e o vermelho-castanha do abajur harmonizam-se, dona Caco coloca-o entre as duas poltronas.

À dona Caco incomoda que a leitura seja dificultada pela claridade baixa, intensa, todavia, seja a paz de quem se acomode nesse canto, de cujas paredes, outra vez recobertas pelo peculiar papel de flor-de-lis dourado sobre fundo carmesim, não foram exilados os retratos.

Aquelas lá, de passado tantas vezes louvável, são mulheres que seguem sussurrando o que seja apropriado a saraus.

Vê-se que dona Kika, mãe da Caco, não quer munir-se dos livros para recitar os sonetos que a embalam ao luar da sua mocidade.

As teclas do piano dessa madame Chica, a mãe da mãe da dona Caco, dispensam metrômetros para bem temperarem Bach.

Na versão de corpo inteiro delas todas, nenhuma teme empunhar chicote pra trotar pela estância. A todas, da bisavó da bisavó da dona Chica, todas amazonas de impressão donairosa, sempre lhes apraz o aprumado em lombo de alazão tostado.

Na carne viva de sua circunstância, deplorável é que fique calada. Porque dona Caco não prepara chás, não assa bolos, não coze nem arroz nem feijão só para si. Do que sabe, sabe-o pelos tutores que a enciclopediaram dos feitos de Hércules, das safadezas de Baco, das conquistas de Ciro, de maquinações do Próspero. Da lenha pro fogo, do fermento pra massa, da panela pro que for, sobre tal cotidiano tão doméstico, dona Caco entende-o como desagregado latinório.

Sozinha, perdida na própria casa, uma vez que aconteceu alguma coisa grave, coisa gravíssima, com parente próximo, de fato próximo, em algum lugar distante, em lugar realmente ermo, dona Caco passa por apuros porque se acha abandonada.

A vida anda injusta ultimamente. São dias tristes, pois uma pessoa de inteira confiança não tem o direito de abandonar quem a considera gente da família. Apesar da desconsideração, a ingrata vai cuidar dos seus, em vez de ficar no posto para merecer que ainda seja tratada com respeito pelos serviços prestados, e regiamente pagos.

Se dona Caco tem que ser aquela que comprará um copo de café com leite e um sanduíche de queijo fresco, ela é a pessoa certa.

Mesmo que tenha achado apenas um sanduíche de peito de peru, dona Caco está orgulhosa.

Dando voz a um automatizado pragmatismo, a funcionária fala:

— CPF na nota?

Como a abordagem a revela desamparada, dona Marcolina Bartira Ramalho Olivares Urtigão Penteado diz:

— Virgem Santíssima das Mercês! O que é CPF?

Ibiúna, dia 07 de janeiro de 2024.

Algo errado

Cismei dessa cadeira, que ela era de encantamentos. Até a cisma de mais cedo, eu nunca a concebera mágica.

Mal sentei, vi a intuição puxar-me por um quê de fantasia, ou teria tomado café no lugar de sempre, à mesa.

Não que a realidade ande desabusada, eu é que ando assanhado. Por mais assanhado, tenho sentado mais. Desejoso de achar o que ando mais tentado a procurar, quiçá eu ache.

Não me sento só por cansado, ando sentando mais porque espero que a magia do mundo seja revelada, pra que perceba que não estou só. Mesmo desacompanhado, sento onde não tenho o costume, e o pensamento faz com que eu ignore o que seja solidão.

Pelo estranhamento de ficar na cadeira que normalmente não uso, busco que os meus olhos não me confundam.

Se ainda não vejo, eu sei que o mundo ainda invisível existe, uma vez que o pressinto. No súbito de mim, o pressentido sou eu.

Então, o pensamento vem à mesa.

Eu vejo. Pelo que vejo, aprendo. Fico sentado no lugar de sempre. Tomo café e como pão. Pelo tempo de sempre, faço o que tenho para fazer. Sem maiores felicidades, cumpro o propósito de sentar para o café de todas as manhãs.

Vejo meu fantasma ser eu mesmo por mais uma rotina, e não me satisfaço pela visão objetiva de mim. É outra chatice.

Da cadeira que não uso, vejo que vou ler jornais.

Sou contra as guerras, pois sempre fui pela extinção dos estados nacionais. Contra os exércitos, porque sempre fui pela abolição das fronteiras. Contra a morte estúpida, quero a vida. Sou pela vida, mas não batalho por uma vida banal, pois eu sou sempre por outra vida, a que seja mais solar, mais alegre e festiva.